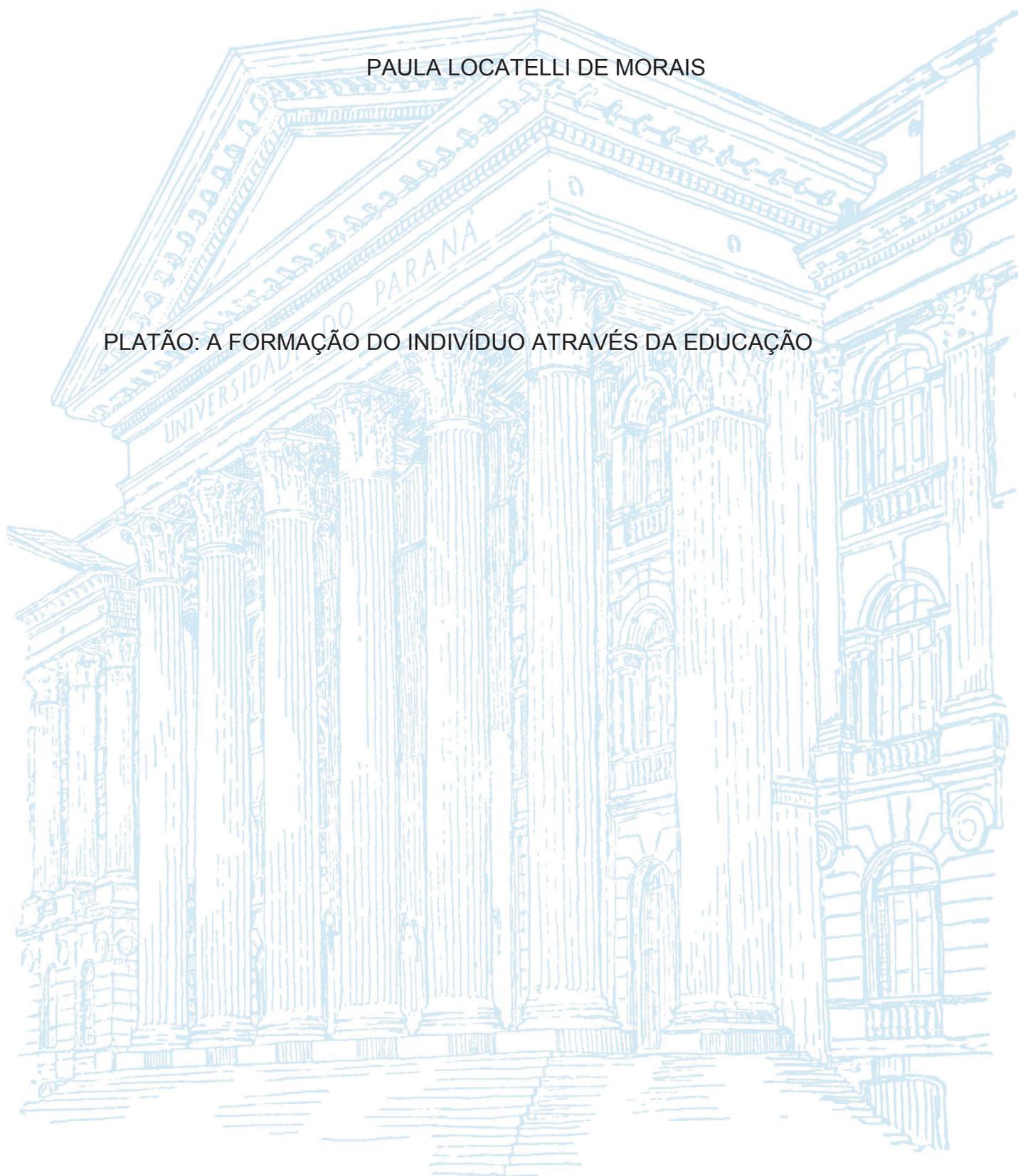


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

PAULA LOCATELLI DE MORAIS

PLATÃO: A FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO



CURITIBA

2020

PAULA LOCATELLI DE MORAIS

PLATÃO: A FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO

Tcc apresentado ao curso de Pós-Graduação em Especialização em Filosofia da Educação: Ética, Política e Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Filosofia da Educação: Ética, Política e Educação.

Orientador: Profº. Dr. Maicon Reus Engler

CURITIBA

2020



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR DE EDUCACAO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO -  
40001016206E1

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Trabalho de Conclusão de Especialização de **PAULA LOCATELLI DE MORAIS**, intitulada: **PLATÃO: A FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de Especialista está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 13 de Dezembro de 2019.

  
MAICON REUS ENGLER  
Presidente da Banca Examinadora

  
ALTIERIS BORTOLI  
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

  
JULIANO ORLANDI  
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE)

Dedico todo o esforço que depositei nesse trabalho aos meus avós Maria Jodas Locatelli e Alessandro Locatelli (*in memoriam*), que foram exemplos de caráter e dignidade.

## **AGRADECIMENTOS**

A esta Universidade, seu corpo docente, coordenação e administração que oportunizaram com mérito e ética um ambiente propício para a aprendizagem.

Ao meu Orientador, Maicon Reus Engler, pelo suporte, pelas suas correções e incentivo.

Aos amigos de classe, por compartilharmos juntos essa difícil caminhada.

E a todos que, mesmo indiretamente, fizeram parte da minha formação - auxiliares de serviços gerais, agentes de segurança e aos funcionários da portaria - o meu muito obrigada.

“[...] é preciso que a educação esteja – em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos – adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história.”

(FREIRE, 1980, p. 39).

## RESUMO

Através de uma abordagem do ponto de vista pedagógico de Platão, o presente estudo vem apresentar uma reflexão sobre a sua teoria da educação. O filósofo se preocupava não somente com a formação espiritual do homem virtuoso, mas também com sua formação. Partindo de um ideal de formação clássica através de leis que regiam a pólis grega, busca em Esparta uma nova maneira de educação que priorize mais a vida em sociedade e menos o em si, nascendo daí a necessidade de uma nova forma de Estado. O objetivo deste trabalho é resgatar as principais ideias de Platão sobre a importância da educação na formação do indivíduo político e ético. Faremos isso com o auxílio de sua obra magna *A República*, na qual o filósofo escreve sobre a importância da educação na formação do indivíduo e também sobre a formação do indivíduo em sociedade.

Palavras-chave: Platão. Educação. Estado.

## ABSTRACT

A través de un enfoque desde el punto de vista pedagógico de Platón, el presente estudio presenta una reflexión sobre su teoría de la educación. El filósofo se preocupaba no solo por la formación espiritual del hombre virtuoso, sino también por su formación. Partiendo de un ideal de formación clásica a través de las leyes que rigen la pólis griega, busca en Esparta una nueva forma de educación que priorice más la vida en la sociedad y menos en sí misma, dando lugar a la necesidad de una nueva forma de Estado. El objetivo de este artículo es rescatar las ideas principales de Platón sobre la importancia de la educación en la formación del individuo político y ético. Lo haremos con la ayuda de su gran trabajo *La República*, en el que el filósofo escribe sobre la importancia de la educación en la formación del individuo y también sobre la formación del individuo en la sociedad.

abstract.

Palabras Clave: Platón. Educación. Estado.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>2</b>	<b>BREVE CONTEXTO HISTÓRICO SOBRE A DEMOCRACIA NA ÉPOCA DE PLATÃO.....</b>	<b>17</b>
2.1	A REPÚBLICA: EDUCAÇÃO COMO RESPONSABILIDADE DO ESTADO	21
2.2	EDUCAR PARA O BEM .....	23
2.2.1	O processo educativo .....	27
2.2.2	A educação oferecida para as mulheres .....	28
2.2.2.1	A educação das crianças.....	32
2.2.2.1	Educação dos guardiões .....	34
<b>3</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>39</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>40</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é uma reflexão<sup>1</sup> sobre a concepção de educação em Platão a partir da construção do Estado ideal. As análises concentram-se nos diálogos da obra *A República*<sup>2</sup>, onde as *personagens* discutem a importância da educação para instalar e conservar a harmonia dentro da pólis. As questões que se referem ao processo de formação do Estado ideal e do sistema educacional estão baseadas nas categorias analíticas da formação da pólis, da política e da teoria do conhecimento.

Platão é um dos mais importantes pensadores da filosofia ocidental. Nasceu em uma família nobre de políticos, o que pode explicar seu interesse pela vida pública. Além disso, ele foi o principal discípulo de Sócrates, que é a figura central nos seus escritos, como podemos observar no livro *A República*. Sócrates não só se preocupou com a questão da verdade e das definições, como ensinou em praça pública a importância de ser um indivíduo *virtuoso*. Com a morte injusta de seu mestre, Platão passa a condenar o governo democrático como responsável por sua sentença. Assim, segundo a principal corrente de interpretação, o filósofo da caverna se torna um opositor da democracia tradicional<sup>3</sup>, já que o sistema democrático não funcionava perfeitamente, uma vez que o poder era exercido por

---

<sup>1</sup> O intuito dessa pesquisa não é questionar os métodos de Platão sobre o que se diz respeito à formação dos indivíduos e das cidades, por menos questionar se a prática dessa cidade (sociedade) perfeita (segundo Platão) é viável ou não, entendendo que, para, que haja uma sociedade perfeita o indivíduo também deve ser perfeito. E sim demonstrar como o pensamento pedagógico e educativo estava presente em sua filosofia para a construção da cidade ideal.

<sup>2</sup> *A República* é uma obra de grande destaque de Platão. Acredita-se ter sido escrita por volta de 380 a.C.. Um texto rico em termos filosóficos, sociais e políticos. A principal questão é a busca de uma fórmula que garanta uma harmoniosa administração a uma cidade, mantendo-a livre da anarquia, dos interesses e disputas particulares e do caos completo. O local onde acontece o diálogo é a casa de Polemarco, irmão de Lísias e Eutidemos, filho do velho Céfalo. As principais personagens do diálogo são Sócrates; os dois irmãos de Platão, Glauco e Adimanto; Nicerato, Polemarco, Lísias, Céfalo e Trasímaco. Nos livros I e II, o texto se concentra numa tentativa de definição do que seria realmente a aplicação da justiça perante a comunidade. Nos livros III a V, os diálogos evoluem para a definição dos princípios da justiça, ou seja, o que constitui a verdadeira justiça administrada à população. Os livros VI e VII tratam da necessidade da justiça em si. Aqui é apresentada sua mais famosa alegoria, Alegoria da Caverna, procurando mostrar que a verdade pode ser atingida por meio do conhecimento. Nos livros VIII e IX, o tema é a decadência da cidade, decorrente da concentração do poder nas oligarquias e o surgimento da tirania. Finalmente, o livro X faz uma crítica à poesia como meio educativo: Sócrates dá a entender que a poesia deva ser substituída pela filosofia, como meio educativo, pois somente esta pode diferenciar a realidade de fato. O restante do livro traz uma exortação à prática da justiça e demais virtudes.

<sup>3</sup> Para Abbagnano seu dicionário de filosofia, Platão cita n'A República a democracia como a terceira forma de governo, na qual a todo cidadão é lícito fazer o que quer. Assim a democracia no tempo de Platão era um modo de liberdade.

peças despreparadas. A morte de Sócrates convenceu Platão definitivamente de que a democracia da época deveria ser substituída, e a aristocracia – ou, mais precisamente, a sofocracia (o governo dos sábios) – deveria ser a nova forma de governo. Assim, os governantes seriam escolhidos por sua sabedoria, tornando-se *reis-filósofos e rainhas-filósofas*.

É nesse contexto político-social que se insere o conceito platônico de educação. A partir disso, a educação é essencial na construção de um Estado ético-político. Visando a formação dos governantes que deveriam cumprir as normas da sociedade para manter o equilíbrio e a virtude do homem, sua proposta educativa baseia-se em uma teoria da verdade e na conquista da mesma através da razão. Noutras palavras, Platão idealizou um sistema educacional integrado a um pensamento político, ético e metafísico, com objetivo de formar um indivíduo moral em um Estado justo.

## **2 BREVE CONTEXTO HISTÓRICO SOBRE A DEMOCRACIA NA ÉPOCA DE PLATÃO**

As primeiras ideias de organização democrática do Estado surgiram na antiga Grécia. Entre 460 e 430 a. C, Atenas passava por uma experiência democrática em que o exercício da função legislativa estava assegurado. Nesta fase, Péricles<sup>4</sup> aperfeiçoou o sistema político idealizado por Clístenes<sup>5</sup> no século VI a.C. e a cidade atingiu o ápice de sua vida cultural e política.

Devido ao estabelecimento da democracia, a partir do final do século VI, a Atenas vai ocupar um lugar de destaque na Grécia do século V. De modo especial, a partir dos meados desse século chegará ao apogeu de sua civilização mais ilustres, graças a um de seus governantes mais ilustres, Péricles, que governou Atenas durante 30 anos e foi considerado pelos atenienses como grande modelador e símbolo da democracia. (TEIXEIRA, 1999, p. 17).

---

<sup>4</sup> Segundo Vicentino; Vicentino (2016, p.141), Péricles foi político, orador e líder democrático ateniense. Foi tão importante no campo da política, das artes e das letras que resultou na denominação “Século de Péricles” para o século V a.C. Durante o governo de Péricles a democracia foi aprimorada. Ao observar que os homens livres e pobres dificilmente participavam das instituições democráticas, criou a mistoforia, uma pequena remuneração em dinheiro para os ocupantes de cargos públicos. A medida possibilitou a participação popular nos assuntos da administração da cidade.

<sup>5</sup> Segundo Vicentino; Vicentino (2016, p. 138), as ideias de Clístenes definiram o princípio de democracia e foram seguidas por vários reformadores, incluindo Péricles. As reformas de Clístenes encerraram o Período Arcaico e deram início ao Período Clássico.

A democracia como um princípio de igualdade era o principal objetivo de Péricles: ele almejava uma democracia que servisse para o benefício do maior número de atenienses possível. “Com o advento da democracia, não somente aos nobres aristocratas, mas também os cidadãos atenienses em geral, conquistam gradualmente o privilégio de participar da vida política e cultural de Atenas.” (TEIXEIRA, 1999, p. 17). Ao contrário do que era comum aos governantes da época, ele não defendia a participação política só para os mais ricos.

Platão (428/427 a.C. a 348/347 a.C.) nasceu logo após a morte de Péricles e no auge da política ateniense, quando o governo era exercido pelo povo, que em votação na assembleia decidia pelo destino da *pólis*. Porém, vale lembrar que essa democracia tinha seus limites: uma vez que poucos cidadãos podiam participar dos debates na assembleia, apenas alguns tinham direito à plena cidadania. “Essa discriminação excluía das resoluções políticas a maior parte dos habitantes da *pólis*: as mulheres, os estrangeiros, os escravos.” (PLATÃO, 1999, p. 7)<sup>6</sup>. Assim, para os críticos da experiência ateniense, a democracia era na verdade formada por uma minoria, todos homens e maiores de dezoito anos; ou seja, trata-se no fundo de um tipo de **oligarquia** ou de **aristocracia alargada**.

Dentre as reformas estruturais de Clístenes está: a reforma do tribunal da Helieia para seiscentos juízes por tribo (cidadãos maiores de trinta anos, por sorteio), a ampliação da Boulé (Conselho dos Prítanes) para cinquenta homens por tribo (agora segundo cada região geográfica, por um ano, por sorteio) os quais preparavam os projetos para a Eclésia, a Assembleia popular então composta por todos os cidadãos registrados no dêmos de origem, filhos de pai ateniense, maiores de dezoito anos. Também há a criação dos cargos de Estrategos (chefes militares, um por tribo) e a retomada da medida de “ostracismo” (banimento e cassação dos direitos políticos por dez anos, evitando-se as tiranias) (REIS, 2018, p. 50).

Outro aspecto importante desse período traz os cidadãos como juízes que teriam que produzir suas próprias leis e, ainda haveriam de dirigir a cidade e até mesmo a vida dos moradores. De acordo com Pessanha (1999), o regime democrático que vigorava na época determinava que, além de defender as cidades,

---

<sup>6</sup> Os livros: PLATÃO. **Os Pensadores**. Trad: JOWETT, Benjamim, São Paulo, Nova Cultural, 1999. SÓCRATES. **Vida e Obra**. Com. José Américo Motta Pessanha. Os Pensadores; Nova Cultural, São Paulo; 1999.

----- **Apologia de Sócrates**. Platão. Os Pensadores; Nova Cultural, São Paulo; 1999.

----- **Apologia de Sócrates**. Xenofonte. Os Pensadores; Nova Cultural, São Paulo; 1999., não seguem paragrafação universal do grego.

os cidadãos também teriam que defender como juízes as leis que eles mesmos votavam, pois, ao completarem trinta anos, teriam de assumir essa condição de membros das cortes populares.

O próprio Platão faz um relato sobre como a política de seu tempo funcionava. Em uma passagem da *Apologia de Sócrates*, podemos observar o cidadão ateniense agindo como juiz. Nessa obra existe uma reflexão ética voltada ao julgamento e à condenação de Sócrates.

Não vos revolteis, atenienses; mantende o favor que vos pedi, não vos revoltando como o que digo, mas ouvindo-me; acredito que ouvir-me vos será realmente profícuo. Estou, é verdade, para dizer outras coisas que talvez vos façam gritar, mas não façais isso de modo algum. Ficai certos de uma coisa: se me condenardes por ser eu como digo, causareis em vós mesmos maior prejuízo que a mim. A mim prejuízo algum pode causar Meleto e Ânito; eles não possuem poder para tanto; não acredito que os céus permitam que um homem melhor sofra danos de um pior. Eles podem, isto sim, mandar-me matar. Exilar-me, privar-me dos direitos; talvez eles e outros pensem que essas grandes desventuras; eu não; eu penso muito pior é fazer o que eles estão fazendo, tentando a execução injusta de um homem. Nesse momento, ateniense, longe de atuar em minha defesa, como poderiam acreditar, atuo na vossa, evitando que, com a minha condenação, cometais uma falta para com a dádiva que recebeste do deus. (PLATÃO, 1999, p. 57-58).

Nesta passagem da *Apologia de Sócrates* Platão esclarece como Sócrates é acusado diante de um tribunal popular. Após ser acusado por Meleto, Licão e Ânito pelos crimes de corromper os jovens, introduzir novas divindades e não reconhecer os deuses do Estado, Sócrates faz sua primeira refutação ao tentar mostrar o significado de sua verdadeira missão, a *virtude*. Nesse momento, o filósofo encontra-se diante de seu júri e tenta convencê-lo de que uma possível condenação injusta prejudicará tanto os cidadãos como a ele próprio e, acima de tudo, ofenderá aos deuses.

À parte a questão da honra, senhores, não me parece justo pedir e obter dos juízes a absolvição, em vez de informa-los. O juiz não toma assento para dispensar o favor da justiça, mas para julgar; ele não jurou favorecer a quem bem lhe pareça, mas julgar segundo as leis. [...] Mas é o oposto disto, atenienses, porque eu acredito como nenhum de meus acusadores e espero de vós e dos deuses, que a vossa sentença seja a melhor para mim e para vós. (PLATÃO, 1999, p. 63-64).

Por sua vez, Xenofonte<sup>7</sup>, outro discípulo de Sócrates, também registrou o julgamento de seu mestre: “A bem da verdade, falando a respeito de si mesmo com tanta soberba diante do tribunal, Sócrates atiçou o ciúme e reforçou a disposição em que se encontravam os juízes a condená-lo” (XENOFONTE, 1999, p. 283). Neste trecho de sua *Apologia de Sócrates*, podemos observar novamente a referência aos juízes e, por extensão, o funcionamento democrático de Atenas. Ou seja, tanto Xenofonte quanto Platão ilustram como a democracia ateniense funcionava naquele momento.

São várias as críticas à democracia ateniense da época, pois seu sistema possuía muitas deficiências. “Para que nenhum magistério se acostume ao poder e nele quisesse perpetuar, as funções públicas durariam apenas um ano” (JOWETT, 1999, p. 8). Ou ainda, “O comparecimento à Assembleia era frequentemente escasso, já que, em condições normais, muitos cidadãos preferiam ocupar-se de seus negócios particulares” (JOWETT, 1999, p. 8). A própria escolha para funções como comando militar ou cargos financeiros eram feitas por um processo de sorte.

Uma crítica particularmente áspera é dirigida à democracia ateniense, aos seus maiores líderes como Temístocles e Péricles (cuja célebre oração fúnebre aos mortos em guerra, na versão atestada de Tucídides, é satirizada no *Menexeno*), aos procedimentos e aos modos de vida que a caracterizam (o sorteio dos cargos, o excesso de liberdade que degenera na anarquia). (VEGETTI, 2012, p. 34)

Neste momento, segundo Vegetti (2012, p.34), o poder democrático se tornou vítima da procura de consenso e resulta em um ato demagógico que serve aos piores desejos das massas ignorantes, em vez de guiá-las para o bem comum de uma política coletiva.

Na procura de solucionar esses problemas da democracia ateniense e impulsionado pela morte de Sócrates, Platão conservará, por muitos anos, certa desconfiança em relação à democracia tradicional. Parte disso é visível na *República*: uma obra fictícia, em que Platão discute temas como o cumprimento das leis para o bem comum, assim como o combate à corrupção e à tirania visando uma

---

<sup>7</sup> Xenofonte (430 a.C.-355 a.C.) foi um escritor, historiador e general grego. Foi também um dos mais conhecidos discípulos de Sócrates. Em suas obras fez relatos de diversos fatos importantes para a reconstituição histórica da época.

solução de organização social ideal para os problemas de sua época, isto é, sugerindo uma nova forma de organização política e educativa.

### 1.1 A REPÚBLICA: EDUCAÇÃO COMO RESPONSABILIDADE DO ESTADO

N'a *República*, Platão faz uma explanação sobre a origem da cidade-estado; segundo ele, a criação da mesma se dá pelo fato de o indivíduo ser dependente. “– Ora –disse eu –, uma cidade tem a sua origem, segundo creio, no fato de cada um de nós não ser auto-suficiente, mas sim necessitado de muitas coisas. Ou pensas que uma cidade se funda por qualquer outra razão?” (*Rep.* 369a-e 18-21). Ou seja, o homem se reúne com outros homens por necessidade.

Assim, portanto um homem precisa de outro para uma necessidade, e outro ainda para outra, e como precisamos de muita coisa, reúnem numa só habitação companheiros e ajudantes. A essa associação pusemos o nome de cidade. (*Rep.* 369a-e 23-26).

A cidade-estado nasce como um horizonte de valores morais e como única forma viável de sociedade para Platão.

Por isso, a importância de um Estado responsável pela educação para que haja um bom convívio. Isso significa que não apenas vivemos no mundo, mas que também convivemos com outros indivíduos. Assim, a educação para Platão assume um caráter de ensinar, educar os homens para conviverem em harmonia e serem solidários entre si e com os demais seres.

[...] na Cidade que quiser ser administrada na perfeição, haverá comunidades das mulheres, comunidade dos filhos e de toda a educação, e do mesmo modo comunidade de ocupações na guerra e na paz, e que dentre eles serão soberanos aqueles que mais se distinguirem na filosofia e na guerra. (*Rep.* 543a-d 1-5)

Para Jaeger (1995, p. 804), a verdadeira missão do Estado platônico não é tornar a classe dominante o mais feliz possível, e sim velar pela felicidade de toda a população. O Estado não deve buscar a felicidade de um grupo em particular, mas deve procurar oferecer felicidade a todos, para que cada um possa exercer sua função da melhor maneira possível. Os fins a que este Estado aspira não podem ser o poder ou o acúmulo de riquezas, mas antes unidade social interna.

É verdade que os órgãos políticos devem dispor de força suficiente para subordinar os interesses particulares aos coletivos, com a intenção de

harmonizar uns e outros. Mas é igualmente claro, pelo livro IV da República, que a felicidade pública terá consequências inevitáveis na felicidade dos indivíduos, enquanto que, pelo contrário, é impensável uma felicidade privada num contexto coletivo governado pela injustiça. (VEGETTI, 2012, p. 101)

Já no primeiro capítulo d'A *República*, existe um diálogo entre Sócrates e o sofista Trasímaco. O sofista afirma que a justiça nada mais é que aquilo que interessa ao mais forte, e chega à conclusão de que os governos fazem leis buscando seu próprio interesse. Para esses governos, injustos são os homens e os atos aqueles que não seguem as leis proclamadas por interesse da classe dominante. Assim, Sócrates refuta Trasímaco:

-Não por Zeus, não faças tal!- Exclamei- Mas, em primeiro lugar, persiste nas afirmações que fizeste; ou então, então se fizeres alguma alteração, fá-la abertamente, e não estejas a iludir-nos. Ora, repara, Trasímaco, examinando ainda o que anteriormente tratamos, que embora desejasse definir primeiro o verdadeiro médico, não achasse necessário prestar depois atenção ao exemplo do verdadeiro pastor, mas supõem que ele trate de engordar as ovelhas, na medida em que é um pastor, não porque tenha em vista o que é melhor para elas, mas como um conviva ou uma pessoa que quer dar um banquete, para se regalar ou então para as vender, como se fosse um homem de negócios, e não um pastor. Ora- a finalidade da arte do pastor não é outra, sem dúvida, se não aquela para que oi destinada, conseguir para o seu objeto o máximo de bem-estar, uma vez que seguramente está já dotado o bastante das qualidades específicas que lhe darão a supremacia, na medida em que nada lhe falte da sua essência de arte do pastoreio. Por estas razões, eu concluí há pouco que é forçoso que concordemos que todo o governo, como governo não tem como finalidade velar pelo bem de mais ninguém, se não do súdito de que cuida, quer este seja uma pessoa pública ou particular. (*Rep.* 345a-e 4-19)

Para o filósofo a justiça é uma relação entre os indivíduos que depende de uma organização social, na qual o governo tem por finalidade zelar pelo bem de todos e não apenas pelo bem do mais forte. E somente através da justiça a cidade utópica de Platão poderia existir.

Teixeira, em seu livro *A Educação do Homem Segundo Platão* (1999, 110), nos mostra outro ponto importante estabelecido por Platão: ideia inovadora de que o Estado deve ser o responsável pela educação do cidadão. “A preocupação do filósofo da *Academia* é educar, não somente o homem como indivíduo, mas como parte de uma comunidade.” (TEIXEIRA, 1999, p. 110). O Estado é o primeiro e o maior responsável pela educação de todos os indivíduos que o compõem.

Ainda segundo Teixeira (1999, p.14), Platão buscou em Esparta muitas teorias para elaborar um modelo de educação que superasse o individualismo de Atenas, o que considerou como o grande problema social de sua época. A

rigoriedade de Esparta surgiu como uma forma de manter a ordem no Estado. O filósofo faz do modelo espartano sua referência na busca de uma pólis ideal, utilizando-se de aspectos novos de educação. Pretendeu com isso superar o modelo de educação clássica exercido na Grécia arcaica (sistemizado por Homero por meio da epopeia), que era voltado a uma ideia de formação humana baseada em um ideal de nobreza cavalheiresca, “que, por sua vez, dará origem a uma espécie de ética aristocrática [...]” (TEIXEIRA, 1999, p.14).

Para Jaeger (1995, p. 25), esse modelo buscava uma excelência humana que só poderia ser atingida pela prática da *Arethé*, o principal significado de *Arethé* é o de virtude ou excelência. Foi um importante elemento na *Paidéia* grega, uma ideia de educação integral para a formação de um cidadão virtuoso e capaz de executar uma atribuição em sociedade. Enquanto isso, a educação espartana assumia mais um caráter militar e seu ideal educativo estava subordinado à conduta humana pessoal que era idealizada pela coletividade política.

É importante destacar que a principal preocupação de Platão está voltada para a questão de educar o indivíduo para pólis. Entende-se por pólis todo sistema de organização de um determinado local, cidade e Estado. É também da palavra pólis que deriva o termo *política*. Portanto, Platão almejava a construção de uma nova pólis, e pretendia substituir os ensinamentos clássicos que eram introduzidos em Atenas para a formação de um novo Estado, mais voltado à formação do indivíduo e seu convívio em sociedade.

## 1.2 EDUCAR PARA O BEM

A finalidade da educação para Platão está voltada para a prática do bem e pela busca da verdade. Por isso, é importante compreender antes de tudo o que não é educação para o filósofo. Para ele educação não é apenas introduzir ciência onde ela não existe.

–Temos então – continuei - de pensar o seguinte sobre esta matéria, se é verdade o que dissemos: a educação não é o que alguns apregoam o que ela é. Dizem eles que arranjam a introduzir ciência em uma alma que ela não existe, como se introduzissem a vista a olhos cegos.” (*Rep.* 518a-e 13-17).

Teixeira explica essa questão platônica da seguinte maneira: “O papel da educação não é dar visão, mas orientar os olhos na direção certa.” (TEIXEIRA,

1999, p.51). Assim, a função da educação não se limita apenas em ensinar, como também desenvolver o pensamento crítico do indivíduo, mostrando-lhe o caminho certo a ser seguido, dando-lhe uma direção.

Esclarecido o que não denomina educação, vejamos o que Platão entende por educação. Primeiramente, para o filósofo da caverna, educação é *reminiscência*. Sua pedagogia juntamente com sua filosofia está baseada na concepção de ideia.

Para o filósofo da caverna, o mundo das ideias é um mundo transcendente, que existe por si só, em seu modo mais puro, e que possibilita a existência do mundo visível/sensível. As ideias são modelos imutáveis, eternos e perfeitos. As ideias são aquilo que faz com que cada coisa seja o que ela é. Além disso, Platão também acreditava que a alma era algo eterno e imutável que já vivera no mundo das ideias e conhecera as realidades imutáveis e eternas antes de residir em nosso corpo, e que no processo de queda da alma do mundo das ideias até o corpo a alma se esqueceria de tudo.

Baseia-se na sua teoria dos dois mundos (mundo das Idéias e mundo das sombras), em que no mundo das Idéias, os homens conheciam todas as coisas na sua verdadeira essência e, ao fazer parte deste mundo das sombras (mundo sensível), os homens se esqueceram de tudo aquilo que sabiam. No mundo das Idéias, encontra-se a verdade, porque ali está o fundamento último e a essência da realidade. O mundo das Idéias corresponde ao inteligível (mundo do espírito). (TEIXEIRA, 1999, p. 51, 52).

Em sua teoria dos dois mundos, Platão explica que ao descer do mundo *ideal* para o mundo das *sombras*, o homem se vê aprisionado em um corpo e, assim, o corpo se torna a prisão da alma. “Deixar vir para fora o conhecimento e a verdade já presente potencialmente dentro” (TEIXEIRA, 1999, p.53). A educação em Platão supõe recordar, e o educar nesse sentido seria o conhecimento. Ela desenvolve uma teoria que separa o corpo da alma, a qual denominou de *doutrina das reminiscências*, em que a alma guarda lembranças das ideias contempladas que, após passar pela percepção, retornam à consciência. Ou seja, *aprender é recordar*.

SO. Sem então, tanto durante o tempo em que ele for quanto durante o tempo que não for um ser humano, deve haver nele opiniões verdadeiras, que, sendo despertadas pelo questionamento, se tornam ciências, não é por todo o sempre que sua alma será <uma alma> que <já> tinha aprendido? Pois é evidente que é por é por todo o tempo que ele existe como ser humano.

MEN. É evidente.

SO. E se é verdade das coisas que são está sempre na nossa alma, a alma deve ser imortal, não é?, de modo que aquilo que acontece não sabemos

agora – e isto é aquilo de que não te lembras – é necessário, tomando coragem, tratares de procurar e de rememorar.  
 MEN. Parece-me que tem razão, Sócrates, não sei como.  
 SO. Pois a mim também, Mênon <parece-me que tenho razão>.  
 (*Mên.* 86b- 7-20)

Platão encerra sua obra *A República* com o conto de Er, onde mais uma vez podemos observar a importância do poder da virtude em sua teoria, pois repercutiria em sua vida até mesmo depois da morte. Sendo assim, Platão sugere a alma como algo imortal, que sofria consequências ou teria recompensas dependendo de quão virtuoso e justo tivesse sido o indivíduo em sua vida anterior. Também explica como funcionaria o processo de reminiscência.

-A verdade é que o que te vou narrar não é um conto de Alcíno, mas de um homem valente, Er o Armênio, Panfilo de nascimento. Tendo ele morrido em combate, andava a recolher, ao fim de dez dias, os mortos já putrefatos, quando o retiraram em bom estado de saúde. Levaram-no para casa para lhe dar sepultura, e, quando, ao décimo segundo dia, jazia sobre a pira, tornou à vida e narrou o que vira no além. Contava ele que, depois que saíra do corpo, a sua alma fizera caminho com muitas, e haviam chegado a um lugar divino [...]. (*Rep.* 615a-e 1-9)

Ele narra o que aconteceu a um guerreiro morto em batalha, que ao ser sepultado retoma a vida e começa a contar o que viu enquanto estava morto. Depois que sua alma saiu do corpo viajou com outras almas e encontrou um lugar que pode ser descrito como uma espécie de purgatório onde havia juízes, que julgaram e encaminharam as almas, os justos foram para uma abertura à direita e subiram para o céu, e os injustos à esquerda, que descia. A Er disseram que seria o mensageiro, o encarregado de falar para os homens o que acontecia naquele lugar: os injustos pagavam sua pena de uma vez e os justos seriam recompensados. Um mensageiro dos deuses aparece com um lote de vidas e disponibiliza-o para que as almas escolham sua próxima vida. Assim, Er fica sabendo que todas as almas renascem em outra vida para se purificarem de seus erros passados, até que não precisem mais voltar à Terra. Depois de escolherem seu tipo de vida as almas são levadas para o rio *Léthe* (em grego: esquecimento), e todas são forçadas a tomarem a água do rio, e esquecem tudo de sua vida anterior, umas mais que as outras conforme bebiam mais ou menos água. As que bebiam de mais eram os tolos os que escolheram vida de rei, guerreiros ou comerciantes ricos: as que bebiam de menos eram os sábios. Dessa forma, as primeiras almas dificilmente se lembrariam de

alguma coisa enquanto as segundas seriam capazes de lembrar e ter sua sabedoria. Acontece que chega a hora de descerem novamente à Terra e nascerem e Er é impedido de tomar da água do rio e acorda em seu funeral.

Antiseri e Reale (2003, p. 166) observam outro aspecto importante da filosofia pedagógica de Platão: a crença que o filósofo tem na ideia de uma educação que deve ser direcionada à aquisição do conhecimento da verdade e do bem. Para o pensador, a educação também seria a arte do desejo do bem. Para ele, o bem é uma condição necessária para quem quer encontrar o saber mais elevado. O bem

é, em primeiro lugar, o alvo da vida, em segundo lugar é a condição do conhecimento e em terceiro lugar é a causa criadora que sustenta o mundo.

Quem não for capaz de definir com palavras a idéia de bem, separando a de todas as outras, e, como se estivesse numa batalha, exaurindo todas as refutações, esforçando-se por dar provas, não através do que parece, mas do que é, avançar através de todas estas objeções com um raciocínio infalível, não dirás que uma pessoa nestas condições conhece o bem em si, nem qualquer outro bem, mas, se acaso toma contato com alguma imagem é pela opinião, e não pela ciência que agarra nela, e que a sua vida atual a passa a sonhar e a dormir, pois, antes de despertar dela aqui, primeiro descerá ao Hades para lá cair num sono completo? (*Rep.* 534a-e 19-29).

Segundo Paviani (2012, p. 70), o filósofo da caverna não escreveu um diálogo específico sobre o Bem na *República*, mas citou o tema em vários de seus diálogos. O Bem em Platão muitas vezes não precisa ser entendido como regra de conduta e sim como uma experiência de formação para a alma. O autor também acredita que Platão usa metáforas para se referir ao Bem comparando ao sol. Dessa forma, sem o bem não é possível iluminar as virtudes da justiça e da verdade. Platão procura mostrar a função do bem na esfera noética, afirmando que o bem não é intelecto, nem seu objeto, mas é o que transmite a verdade aos objetos cognoscíveis e dá ao sujeito que conhece esse poder.

-Fica sabendo que o que transmite a verdade aos objetos cognoscíveis e dá ao sujeito que conhece esse poder, é a idéia do bem. Entende que é ela a causa do saber e da verdade, na medida em que esta é conhecida, mas, sendo ambos assim belos, o saber e a verdade, terás razão em pensar que há algo de mais belo ainda do que eles. E, tal como se pode pensar corretamente que neste mundo a luz e a vida são semelhantes ao Sol, mas já não é correto tomá-las pelo Sol, da mesma maneira, no outro, é correto considerar a ciência e a verdade, ambas elas, semelhantes ao bem, mas não está correto torná-las, a uma ou a outra, pelo bem, mas sim formar um conceito ainda mais elevado do que seja o bem. (*Rep.* 508a-e 45-55).

Para Teixeira (1999), Platão acredita que através da educação o filósofo chegara à essência do Bem. O filósofo insiste em que conheçamos cada vez mais a ideia do Bem. Graças à ideia do Bem, temos a luz que permite a todas as coisas mostrarem-se e, sobretudo, chegar ao próprio ser das coisas. A ideia do Bem é o que provocará no homem o interesse pelas demais virtudes.

Dessa forma, o entendimento acerca da ideia do Bem é essencial para o desenvolvimento da filosofia platônica. O pensador formulou um conceito ontológico de Bem, como a medida de todas as coisas, e também uma ideia de bem voltada à questão moral, em que o bem comanda a alma para a formação de um mundo ideal.

### 1.2.1 O processo educativo

Platão fundamentou em seu livro *A República* sua ideia de justiça como sendo imprescindível para a formação do homem virtuoso, dado que apenas o homem virtuoso poderá viver em uma cidade justa. A educação do cidadão pressupõe o desenvolvimento de suas virtudes designadas como verdadeiras e guiadas pelo Bem. Dessa forma, para que a cidade seja justa, deve haver uma educação voltada para a formação do indivíduo. Platão sugere a formação de três classes - dos governantes guardiões, dos guerreiros e dos produtores -, que deverão receber, até certo ponto, uma educação igualitária na busca de construir uma cidade ideal.

Segundo Vegetti (2012, p.35), existe uma proposta terapêutica na *República* de Platão, pois a construção de uma cidade unida e pacífica que tenha como princípio governar pela felicidade pública exigirá uma nova distribuição das funções sociais, que será feita de acordo com as capacidades dos membros que habitem a comunidade. Tanto o grupo dos guerreiros, quanto o grupo dos produtores deverão ser subordinados ao grupo dos governantes, e isso só será possível graças a um trabalho de educação coletivo. Será de extrema importância para a harmonia da cidade que o dirigente não caia em tentação ao exercer o poder e governe para seu próprio interesse.

Deverá haver um restrito grupo de governo, capaz de comandar com vista aos interesses gerais, formado por indivíduos nos quais prevalece o princípio da racionalidade (*logistikón*); um grupo combatente, aliado e subordinado ao primeiro, constituído por aqueles em cuja estrutura psíquica prevalecem as motivações de autoafirmação agressiva (*thymoeidés*); por fim, um grupo de produtores (agrícolas e artesanais) e de comerciantes, do

qual farão parte os indivíduos dominados pelo desejo de riqueza e de prazer (*epithymetikón*). (VEGETTI, 2012, p. 35)

Portanto, será necessário que cada cidadão assuma um papel para que a República funcione. O governo deve ser formado por um grupo pequeno e racional, que se atente ao bem coletivo; um grupo de guerreiros combatentes treinados para que possam proteger a cidade; e por um grupo de produtores formado por artesãos, produtores agrícolas e comerciantes.

- Será "temperante", quando os artesãos-comerciantes souberem por um freio na própria avidez;
- Será "corajoso", quando os guardas-soldados souberem moderar seu ímpeto e enfrentar os perigos como convém;
- Será "sábio", quando os governantes agirem em conformidade com a razão na busca do Bem e na sua aplicação;
- Finalmente, a Cidade - como a alma individual - será "justa" quando cada classe (ou parte) realizar o papel que lhe compete, sem usurpar o das outras. (ANTISERI; REALE, 2003, p.158)

Uma cidade perfeita, com cidadãos perfeitos, com cada um exercendo seu papel, respeitando a si mesmo a ao próximo, convivendo em sociedade na mais perfeita harmonia: era isso o que o filósofo esperava com sua pedagogia filosófica, para que o Estado realmente vigorasse e permanecesse por muito tempo. E isso só seria possível com um programa preciso e efetivo de educação.

### 1.2.2 A educação oferecida para mulheres

Usaremos como base o *livro V da República* para melhor compreender o papel da mulher na cidade ideal de Platão. O filósofo dá uma função ativa para a mulher em sua *República*, garante também a ela o acesso à educação, podendo ocupar um lugar de destaque na classe dos guardiões da cidade e, assim, proteger os bens da população. Ao fazer isso, Platão de forma inovadora valoriza o papel da mulher, o que está à frente de seu tempo.

- Portanto - prossegui eu - se se evidenciar que, ou o sexo masculino, ou o feminino, é superior um ao outro no exercício de uma arte ou de qualquer outra ocupação, diremos que se deverá confiar essa função a um deles. Se, porém, se vir que a diferença consiste apenas no fato de a mulher dar à luz e o homem procriar, nem por isso diremos que está mais bem demonstrado que a mulher difere do homem em relação ao que dizemos, mas continuaremos a pensar que os nossos guardiões e as suas mulheres devem desempenhar as mesmas funções. (*Rep.* 454a-e 34-41).

Para Vegetti (2012, p. 57), ao confirmar uma equivalência no papel desempenhado pelo homem e pela mulher em certas funções, Platão vai contra os costumes vigentes de sua época, uma vez que a ocupação da mulher na Grécia clássica se limitava à esfera privada. De fato, a mulher da antiga Grécia ocupava uma situação social e política diferente das dos homens. Não eram vistas como cidadãs e tinham uma posição social de inferioridade em relação aos homens. Suas principais atribuições eram domésticas e a tarefa de ter filhos. Esse era o espaço *natural* das mulheres, cuidar do lar, educar e gerar filhos e ser obedientes aos seus maridos.

Como indivíduos diferentes como o homem e a mulher, que não possuem a mesma natureza, poderiam exercer a mesma função? Jaeger (1995, p. 817-818) nos explica a justificativa de Platão sobre essa contradição da natureza que se impõe em um estado construído organicamente, onde a justiça aconteceria quando cada um cumprisse a função que lhe foi atribuída. Para ele, não podemos usar neste caso o conceito de constituição igual ou diferente em sentido irrefutável, deve-se levar em conta o tipo de atividade sobre a qual se pretende falar de igualdade e diferença. Platão exemplifica: quem não tiver aptidão para se tornar sapateiro, não deverá seguir essa profissão, que se tornem sapateiros apenas os que tiverem os dotes para isso; se uma pessoa tem cabelo demais, enquanto outra de menos, essa diferença imposta pela natureza faz de ambos aptos para o ofício de sapateiro, desde que eles sejam os escolhidos entre os melhores para essa função. Existe uma diferença natural entre homens e mulheres, mas, apesar disso, os dois podem ter aptidões que os permitem exercer a mesma profissão. Se as mulheres podem fazer grandes feitos na medicina e na música, elas também podem fazer o mesmo no manejo de armas e na ginástica.

- Logo, não há na administração da cidade nenhuma ocupação, meu amigo, própria da mulher, enquanto mulher, nem do homem, enquanto homem, mas as qualidades naturais estão distribuídas de modo semelhante em ambos os seres, e a mulher participa de todas as atividades, de acordo com a natureza, e homem também, conquanto em todas elas a mulher seja mais débil que o homem.

- Absolutamente.

- Então mandaremos fazer tudo aos homens, e nada às mulheres?

- Como?

- Mas há, segundo julgo, e como diremos, umas mulheres dotadas para a medicina e outras não, umas para a música, e outras por natureza a musicais.

- Sem dúvida.

- E não as há as capazes dos exercícios físicos e da militância, e outras incapazes da luta e que não gostam de fazer ginástica?
- Acho que sim.
- Pois então! E não há as amigas do saber e outras que o detestam? E umas irascíveis, outras apáticas?
- Também.
- Há sem dúvida a mulher guardiã e a que não é. Ou não escolhemos os guardiões homens com essa natureza?
- Certamente.
- A aptidão natural, tanto do homem quanto da mulher, para guardar a cidade é, por conseguinte, a mesma, exceto na medida em que a desta é mais débil, e a daquele mais robusta.
- Parece que sim.
- Portanto, devem escolher-se mulheres dessa espécie para coabitar e ajudar a guardar a cidade juntamente com esses homens, uma vez que são capazes e aparentadas com eles quanto à natureza. (*Rep.* 455a-e- 33-58-456a-e 1-14).

Com base em estudos feitos no texto de Vegetti (2012), a natureza como um elemento fundador tem um duplo sentido para Platão: “Por um lado, ela é descritiva e diz respeito à ordem observável da realidade.” (VEGETTI, 2012, p. 263). A igualdade que Platão faz quando descreve homens e mulheres pode ser relacionada ao comportamento entre cães, em que machos e fêmeas participam das mesmas tarefas de caçar e guardar a cidade.

- Do seguinte modo: as fêmeas dos cães de guarda, entenderemos que devem exercer vigilância com eles, como os machos, e caçar com eles, e fazer tudo o mais em comum, ou devem ficar dentro do canil como incapazes, por causa da criação e alimentação dos cachorros enquanto os machos se esforçam e têm a seu cargo todo o cuidado dos rebanhos? (*Rep.* 451a-e 21-26).

É a partir desta problemática dos cães de guarda, apresentada no livro V da *República*, que o pensador nos esclarece que tanto os cães machos quanto as fêmeas deveriam possuir a mesma aptidão para executar a função de cão de guarda, e para que isso fosse possível precisariam receber a mesma educação e criação desde seu nascimento. Partindo daí, os guardiões deveriam ser criados desde que nascessem de forma igualitária, mesmo as mulheres sendo mais fracas e os homens mais fortes. Somente com essa igualdade de instrução e recebendo a mesma educação é que Platão acreditava ser possível que as mulheres pudessem exercer os mesmos serviços que os homens.

Sob uma diferente perspectiva, Platão define a natureza de outro modo, como um modelo de normas, que se refere à melhor ordem possível das coisas e que oferece como resultado a compreensão da estrutura. Assim, trata-se de uma

referência à natureza como condição de validade da teoria normativa. (VEGETTI, 2012, p. 263),

- Acaso não é evidente – prossegui eu- se deve ser um cego ou uma pessoa de visão clara que fica de atalaia a tomar conta do que quer que seja?

- Como não havia de ser evidente?

- Ora bem! Parece-te que há alguma diferença entre os cegos e aqueles que estão realmente privados do conhecimento de todo o ser, e que não têm na alma nenhum modelo claro, nem são capazes de olhar, como pintores, para a verdade absoluta, tomando-a sempre como ponto de referência, e contemplando-a com o maior rigor possível, para só então promulgar leis aqui na terra sobre o belo, o justo, o bom, se for caso disso, e preservar as que existirem, mantendo-as a salvo?

- Por Zeus, que diferença não é grande! -Serão pois esses que de preferência faremos guardiões ou os que conhecem cada um dos seres, e que não ficam a dever nada em excelência?

- Seria, então, absurdo escolher outros, se em tudo mais não lhes ficassem a dever nada, pois lhes levariam vantagem naquilo que é de supremo interesse.

- Não diremos, portanto, de que modo serão capazes esses mesmos de possuir aqueles e estes atributos?-Claro que sim.

- Como afirmávamos ao começar esta discussão, temos primeiro de examinar com cuidado qual a natureza deles. E creio eu, se chegarmos a um perfeito acordo sobre ela, concordaremos em que as mesmas pessoas serão capazes de possuir esses atributos, e que ninguém mais, se não elas, deve ser guardião da cidade. (*Rep.* 484a-d- 19-36- 485a-e 1-8).

O filósofo afirma que tanto as mulheres quanto os homens possuem uma aptidão natural que torna os dois sexos capazes de desempenhar as mesmas funções. Logo, as mulheres deverão passar por um processo de seleção assim como os homens, onde serão escolhidas apenas as melhores. “Platão define o Estado ideal como governo dos melhores. Com isso quer expressar uma exigência que está de acordo com a natureza e, portanto, absolutamente obrigatória.” (JEAGER, 1995, p. 818).

- Se, portanto, utilizarmos as mulheres para os mesmos serviços que os homens, tem de se lhes dar a mesma instrução.

- Tem.

- A eles foi-lhes atribuída sem dúvida a música e a ginástica.

- Foi.

- Portanto, teremos de ministrar às mulheres estas duas artes, e também a da guerra, e de nos servir disso para os mesmos propósitos. (*Rep.* 451a-e-32-33- 452a-e 1-5).

O que Platão quer é garantir o mesmo tratamento para os homens e mulheres que se tornarem guardiões. Os dois deverão receber o mesmo tipo de alimentação, cultura e educação. “Por conseguinte, a mulher da classe dominante deverá ser educada na música e na ginástica, tal como o homem, e como ele se deverá formar

para a guerra” (JAEGER, 1995, p. 815). As mulheres que se tornam “companheiras” dos guardiões recebem uma formação que as permite cooperar ativamente na sociedade, e deixam de ser apenas responsáveis por conceber, criar as crianças e governar o lar.

#### 1.2.2.1 A educação das crianças

O sistema educacional de Platão sugere três fases: a educação das crianças e jovens, a educação dos guardiões, rainha-filósofa ou rei-filósofo e a educação dos guerreiros. No que diz respeito à educação das crianças e dos jovens, podemos entender que, além de garantir uma educação coletiva, o propósito de Platão é criar novo modelo de cidadão.

Nos primeiros anos, sem distinção de sexo, as crianças participariam de jogos e brincadeiras educativas com propósito de formar o caráter do indivíduo e não de estimular a competição entre elas. Para o filósofo da academia, nesses anos o tempo deveria ser preenchido por brincadeiras e jogos educativos e a educação aconteceria da mesma maneira tanto para meninos quanto para meninas. “Por conseguinte, meu excelente amigo, não eduques as crianças no estudo pela violência, mas a brincar, a fim de ficares mais habilitado a descobrir as tendências naturais de cada uma.” (*Rep.* 537a-e 1-3).

Platão pretendia formar o caráter e a moral do indivíduo nessa primeira fase e podemos observar isso no sétimo livro da *República*, por isso, não se preocupou em formar os guerreiros nessa etapa, deixando de fora os jogos de caráter militar. Preocupou-se em preparar as crianças e os jovens, tanto para a música quanto para a ginástica, por acreditar que as duas são importantes para a formação do indivíduo.

Porém, no terceiro capítulo da *República*, o filósofo deixa claro que a educação musical e a educação da ginástica em seu método educativo serão uma espécie de avaliadores de adaptação das crianças e dos jovens, e somente aqueles que se destacarem nessas disciplinas poderão ser escolhidos para as próximas etapas, dando procedimento em sua formação.

- Ora, nós devemos também montar-lhes uma terceira espécie de provas, a da impostura, e observá-los. Tal como se levam os potros para o meio dos ruídos e da agitação, para ver se são assustadiços, do mesmo modo, quando novos, devem transporta-se para o meio de terrores, e depois transferi-los novamente para os prazeres, para os pôr a prova – muito mais do que o ouro ao fogo – a ver se são difíceis de ludibriar e revelam

compostura em todas as circunstâncias, se são bons guardiões de si mesmos e da música que aprenderam, evidenciando em tudo a boa qualidade do seu ritmo e harmonia, tendo um comportamento tal que será o mais útil a eles mesmos e à cidade. E quem tiver sido sempre posto à prova, na infância, na juventude e na idade viril, e sair dela inalterável, deve ser posto no lugar de chefe e guardião da cidade, devem prestar-se-lhe honrarias, quer em vida, quer depois de morto, e caber-lhe-ão as mais altas distinções na sepultura e demais monumentos à sua memória. Quem assim não for, deve excluir-se. É mais ou menos esta, me parece Glauco, a escolha e nomeação dos chefes e guardiões, para me exprimir de um modo geral, e não com rigor. (*Rep.* 413a-e 36-53).

A música e a ginástica farão parte da formação das crianças e dos jovens, e ainda estarão presentes até a formação da classe dos guardiões; por esse motivo elas têm grande importância no processo educativo de Platão. A educação musical é uma parte significativa para o filósofo, pois produz efeitos no terreno político e social, além da esfera psicológica e ética.

-Supõe, portanto, que também nós realizamos uma coisa parecida, na medida de nossas forças, quando selecionamos os guerreiros e os educamos pela música e pela ginástica. Não julgues que planejamos outra coisa que não fosse imbuí-los das leis o melhor possível, a fim de que as recebessem como um tinto. Para que a sua opinião se tornasse indelével, quer sobre as coisas a temer quer sobre as restantes, devido a terem tido uma natureza e uma educação adequadas. E também para que o seu tinto não desbote com aqueles detergentes que são terríveis para tirar a cor: o prazer, de efeito mais temível do que qualquer soda ou barreira, o desgosto, o temor e o desejo, que o são mais do que qualquer outro detergente. É, pois, a uma força desta ordem, salvação em todas as circunstâncias de opinião reta e legítima, relativamente às coisas temíveis e às que não o são, que eu chamo coragem e tenho nessa conta, se não tens nada a opor. (*Rep.* 430a-e 1-14).

Para Teixeira (1999), Platão se utiliza da metáfora do tinteiro para justificar sua tese de que a condição ideal e melhor da vida, individual ou socialmente, era a consequência do desenvolvimento e do funcionamento normal e harmonioso das forças psíquicas. Nessa sequência, o efeito do descuido da música é de perda na elevação no propósito da vida.

Voltando à questão do estudo musical direcionado para as crianças, ele teria como principal função ser a porta de entrada para a introdução da matemática na educação delas. “- Portanto desde criança que deve ampliar-se à ciência, do cálculo, da geometria, e de todos os estudos que hão de preceder o da dialética, fazendo que não sigam contrafeitos este plano de aprendizagem.” (*Rep.* 536a-e 34-37). Platão também dá muita importância à ciência dos cálculos, afirmando que ela

deveria começar na infância e se estender a todas as fases em seu processo educativo.

-Logo, que outra ciência devemos considerar necessária a um guerreiro, como a de poder calcular e contar?  
 -Essa mais do que todas, se quiser compreender alguma coisa de tática, e mais ainda, se quiser ser um homem.  
 -Pensas dessa ciência o mesmo que eu?  
 -O quê?  
 -Pode muito bem ser uma daquelas ciências que procuramos, e que conduzem naturalmente à inteligência, mas de que ninguém se serve corretamente, apesar de ela nos elevar perfeitamente até ao Ser. (*Rep.* 522a-e 38-43- 523a-e 1-3).

Para Teixeira (1999, p. 43), o homem pensado na obra *A República*, deveria elevar-se moralmente através de seu pensamento, e só assim conseguiria atingir a purificação e a conversão ao ser. Apenas a matemática teria esses poder segundo o método educacional platônico, pois conduziria naturalmente a inteligência que, por sua vez, alcançaria o verdadeiro Ser.

As matemáticas despertam e exercitam aquilo que é comum a todos os homens: a faculdade da razão. Sua função é despertar o pensamento, purificar e estimular a alma na busca do conhecimento. O pensamento em sua ação visa a finalidade. Visto que o homem é um ser racional, o homem age em vista de um fim. O fim do pensamento, enquanto tarefa do espírito, é satisfazer o desejo de conhecer as coisas. E a finalidade do conhecimento é a prática do bem. (TEIXEIRA, 1999, p. 43).

As matemáticas conseguirão provar as melhores naturezas, e apenas elas poderão selecionar os espíritos para a filosofia. A matemática é a responsável por preparar a alma para a dialética. Dessa forma, fica evidente que o pensador quer em primeiro lugar que as crianças tenham contato com o mundo sensível, por meio da música e da ginástica, para mais tarde - ainda na infância - introduzir a matemática, para que elas se desprendam do mundo sensível e comecem a perceber a realidade a sua volta, abrindo as portas para uma futura formação intelectual baseada na dialética.

Platão não se preocupou em elaborar um programa específico para educação das crianças e dos jovens. Inicialmente deveriam começar com jogos de estímulos e, por volta dos sete anos, iniciariam sua aprendizagem na ginástica e a música, que, por sua vez, teriam o objetivo de harmonizar o corpo e o espírito.

#### 1.2.2.2 Educação dos guardiões

Podemos considerar a formação dos guardiões como a segunda fase do processo educativo platônico. Nos livros II e III *d'A República*, o filósofo dedica grande importância à formação desses guerreiros por acreditar que todo o funcionamento da cidade dependerá deles. Platão chegou a essa conclusão após refletir sobre a questão da justiça<sup>8</sup> no livro I, ao chegar à dedução de que a justiça é uma virtude da alma e que somente através da justiça a sociedade poderá existir e se desenvolver, prevendo assim a necessidade de formar guardiões, tanto para garantir que a justiça seja cumprida, quanto para proteger a cidade.

Antes de partirmos para o modelo de formação educacional pensado especificamente para a classe dos guerreiros pelo filósofo da caverna, precisaremos entender seu sistema de negação para tal classe. De acordo com Jaeger (1995), o propósito de Platão era negar aos guardiões de sua cidade qualquer direito de possuir bens materiais, de ter uma vida privada e de abolir o matrimônio, a fim de que homens e mulheres tivessem apenas uma relação transitória com a finalidade de procriação, pretendendo com isso melhorar a qualidade de seus cidadãos e não aumentar a quantidade da população. Esse indivíduo se sacrificaria pela cidade e estaria à disposição integral do governante. Só seria permitido ao guerreiro possuir seu próprio corpo, mas não teria a liberdade de usá-lo como bem quisesse.

Quando chegassem aproximadamente aos dezoito anos, após já terem aprendido música, ginástica e as ciências da matemática, as/os jovens que mais se destacassem e seriam selecionados por suas capacidades e começariam a receber uma educação específica cívico-militar para, enfim, tornarem-se os guardiões da justiça e da cidade.

- Contudo, é sem dúvida necessário que eles sejam brandos para os compatriotas, embora acerbos para os inimigos; caso contrário, não terão de esperar que outros o destruam, mas eles mesmos se anteciparão a fazê-lo.
- É verdade - disse ele.

---

<sup>8</sup> Segundo Vicente (2014, p. 88), ser justo pra Platão consiste em seguir uma ordem natural, e ser injusto é agir contra a natureza rompendo a hierarquia das divisões da cidade ou da alma. A justiça é do interesse de todo indivíduo, porque as pessoas dominadas pela sede de ganhar dinheiro, pela busca do prazer e pela luxúria estão muito longe de ser felizes. Assim, existe apenas uma forma virtuosa, a forma da natureza, evidenciada apenas através de uma educação cuidadosa e sistemática, capaz de revelar a justiça como harmonia e equilíbrio. Uma educação orientada para a contemplação do Bem. A realização da cidade justa somente será possível através deste tipo de educação.

- Então, que havemos de fazer? Onde acharemos um feitiço doce e impetuoso ao mesmo tempo? É que um temperamento brando é o contrário do arrebatado.
- Assim parece.
- E, contudo, aquele a quem faltar um ou outro, não poderá ser um bom guardião. (*Rep.* 375a-e 25-36)

O que Platão pretende é avaliar as qualidades físicas e psicológicas para poder identificar qual entre os jovens poderá se tornar um guardião. As qualidades físicas estariam relacionadas a certas características, “[...] ser perspicaz para descobrir os inimigos, e rápido na perseguição, desde o momento em que se percebeu, e, além disso, forte, para combater, se for apanhado.” (*Rep.* 375a-e 5-7). Já a qualidade psíquica, ao ânimo.

Ao dar procedimento em seu processo educacional, o jovem aspirante a guardião dá continuação à aprendizagem musical. A importância da música nessa fase está relacionada ao ritmo e à harmonia. O ritmo e a harmonia transpassam a alma impactando na disposição e nas sensações, por isso, Platão adverte que se deve evitar as músicas de lamentação, a fim de esquivar-se da preguiça, da embriaguez e da moleza. Sugere apenas músicas pacíficas que roguem pela persuasão ou que incitem a valentia nas guerras.

- Não entendo de harmonias – prossegui eu – Mas deixa-nos ficar aquela que for capaz de imitar convencionalmente a voz, e as inflexões de um homem valente na guerra e em toda ação violenta, ainda que seja malsucedido e caminhe para os ferimentos ou para a morte ou incorra em qualquer outra desgraça, e em todas estas circunstâncias se defenda da sorte com ordem e com energia. E deixe-nos ainda outra para aquele que se encontra em atos pacíficos, não violentos, mas voluntários que usa do rogo e da persuasão, ou por meio de prece aos deuses, ou pelos seus ensinamentos e admoestações aos homens, ou pelo contrário, se submete aos outros quando lhe pedem, o ensinam ou o persuadem, e, tendo assim procedido a seu gosto sem orgulho, se comporta com bom senso e moderação a toas essas circunstâncias, satisfeito com o que lhe sucede. Estas duas harmonias, a violenta e a voluntária que imitaram admiravelmente as vozes de homens bem e malsucedidos, sensatos e corajosos, essas, deixe-as ficar. (*Rep.* 399a-e 5-19).

A música para Platão é uma combinação de poesia, música e dança com um propósito divino (a arte das musas), por possuir uma função de purificação. A poesia imita os homens em ação, a música imita os estados da alma, as emoções e as virtudes. Segundo ele, a música teria o poder de mexer no subconsciente do indivíduo, e poderia influenciá-lo.

Caporalini (2010, p. 8) observa que a música é uma parte relevante no método educativo de Platão. A música deve ter uma melodia adequada, já que por

serem similares em conteúdo ao discurso só serão permitidas melodias austeras e moderadas, que retratem a coragem dos homens diante do perigo ou que contem sobre os homens em tempos de paz. O filósofo proíbe músicas de lamentos e orgias. Em relação aos instrumentos, são sugeridos apenas os mais simples como a cítara, a pipa e a lira. Platão destaca a importância de adicionar as lendas, pois o ritmo e a harmonia tocam diretamente a alma e o jovem. Por isso, inclui desde a infância a narração de lendas selecionadas, como uma maneira de formar a alma. Como podemos observar, a música como parte do modelo educativo tem um caráter moral e este deve ser cuidado desde cedo, para que continue sempre nos guardiões e no filósofo.

Música para a alma; ginástica para o corpo, Rep., II, 376 e4-5. Com efeito, Platão acredita que uma boa alma torna bom o corpo e que um intelecto sadio assegura um corpo sadio, Rep., III, 403d-e. Isso é possível comendo e bebendo com moderação e submetendo-se a um plano razoável de exercícios físicos desde a juventude, o corpo estará tão preparado quanto necessário. Além disso, a ginástica é responsável por impedir doenças e a necessidade da medicina na cidade. (Sobre diferentes aspectos da saúde medicina, veja-se Rep., III, 406.) É verdade que a música é ainda mais importante na educação dos guardiões que a ginástica, contudo, o equilíbrio entre ela e a ginástica é importante para a formação moral dos guardiões. Com efeito, apenas a educação ginástica pode causar barbaridade e somente a educação musical causa brandura; é por isso que ambos os aspectos da pedagogia platônica devem se equilibrar. (CAPORALINI, 2010, p. 8)

Platão dá muita importância à música no seu método educacional, porém ele não deixa de fora da formação dos guardiões a ginástica. No livro II da *República*, o filósofo descreve como a educação do guardião há de ser: “-Pois era isso o que eu dizia, que se deve começar com a música, antes da ginástica. ” (Rep. 377a-e 8-9). Primeiro, começando pela música que cuida da alma e, depois, pela ginástica que protege o corpo de doenças. Ele também indica a prática das duas como uma forma de equilíbrio.

Segundo Jaeger (1995, p.795-796), a ginástica está ao lado da música na *Paideia* de Platão, ainda que seu interesse principal seja sobre a educação musical. Ele também dá muita importância à cultura dos guardiões e seu condicionamento físico; por isso indica a prática da ginástica desde a infância. O filósofo entende que a primeira coisa a se fazer é ensinar o homem espiritualmente para depois entregar-lhe o cuidado de velar pelo seu corpo. Para ele, a ginástica e a música devem ter nesta etapa um caráter mais simples: da mesma forma que simplificou os tipos de

harmonia e os instrumentos na educação musical, na ginástica também deve-se tirar todo o excesso, deixando apenas o necessário.

Para passar para a próxima etapa, a da dialética, os educandos deveriam se submeter a mais duas seleções, uma etapa relacionada à questão da resistência e outra de execução de trabalhos duros. Quem fosse escolhido poderia prosseguir, já os reprovados teriam que trabalhar para o bem da comunidade, exercendo serviços como artesões, agricultores, comerciantes.

- Depois desse período, os que forem escolhidos, de entre os que completarem vinte anos, terão honras mais elevadas do que os outros, e apresentar-lhes-ão em conjunto os estudos feitos à mistura na infância, para verem o parentesco dos estudos uns com os outros e com a natureza do Ser. (*Rep.* 537a-e 19-23).

Com vinte anos, os mais capazes continuam sua educação: os estudos na matemática serão intensificados, preparando, assim, o uso de seu intelecto para a dialética. Dos vinte aos trinta anos, eles serão observados para saber qual deles possui uma natureza dialética.

- Terás, portanto, de fazer esse exame, para saber quais dentre eles possuem tais qualidades em mais alto grau e quais são sólidos nas ciências, sólidos na guerra e nas restantes exigências da lei; a esses, logo que contemplem os trinta anos, depois de os selecionares dentre os já escolhidos, debes elevá-los a maiores honrarias e observar, experimentando a sua capacidade dialética, quem é capaz, prescindindo dos outros sentidos, de caminhar em direção ao próprio Ser pela verdade. (*Rep.* 537a-e 30- 37).

A formação do rei-filósofo/rainha-filósofa exigirá esforço e dedicação ainda maiores. De acordo com Teixeira (1999), somente os mais preparados continuariam sua educação depois dos vinte anos, já com um caráter superior, com o estudo intensivo da matemática, da dialética e da filosofia. Dentre esses, os futuros governantes serão escolhidos. A educação formal dos governantes continuará até os cinquenta anos. Porém, dado que a educação da filosofia tenha caráter permanente, essa educação prosseguirá por toda sua vida.

Platão descreve na *República* as qualidades e as condições da alma de um futuro filósofo: ele deve ser rápido na aprendizagem e ter uma boa memória; ele tem que desejar atingir a perfeição por meio do conhecimento do domínio, do eterno e do imutável; e seus desejos devem estar voltados apenas para a ciência. “Concordemos, relativamente à natureza do filósofo, em que estão sempre apaixonados pelo saber que possa revelar-lhes algo daquela essência que existe

sempre, e que não se desvirtua por ação da geração e da corrupção.” (*Rep.* 485a-e 10-13). Ou seja, o verdadeiro espírito filosófico é aquele que não se transforma pelos diversos tipos de opiniões.

A felicidade não é o ideal do rei-filósofo, nem o poder para ser honrado por sua sabedoria, ou para adquirir prestígio e riqueza; ele não é orgulhoso e governa para fazer de seus cidadãos homens e mulheres muito melhores.

Cabe dizer, além disso, que Platão articulou em sua *República* uma sociedade classista, que dividiu o Estado em três categorias: os artesões e agricultores que estariam encarregados pela alimentação e fabricação de objetos; os guerreiros responsáveis pela ordem e garantia da justiça na pólis; e os reis-filósofos que governariam a cidade de forma absoluta. O sistema de educação pensado por ele compreendia vários anos de estudos. Após um longo processo de *paideia*, passando pela educação musical, ginástica e matemática, finalmente os melhores seriam escolhidos para se tornarem reis-filósofos/rainhas-filósofas. As primeiras seleções para esse cargo aconteceriam após o período de serviço militar: nessa fase de classificação os jovens poderiam prosseguir com seus estudos ou se tornarem produtores. Os escolhidos deveriam prosseguir com seu treinamento ginástico e matemático intensificado, a fim de formarem seu caráter, para depois partiriam para o estudo da dialética e da filosofia.

### **3 CONCLUSÃO**

A princípio Platão queria ingressar na vida pública, porém, se decepcionou quando seu mestre Sócrates foi condenado à morte e decidiu se afastar, pois tinha herdado do mesmo o pensamento de que toda virtude é conhecimento e que a vida deveria ser dirigida na busca dessa virtude. Não acreditando mais no sistema político de Atenas, decidiu propor uma nova maneira de educação que priorizasse a educação do homem voltada para as necessidades do Estado. Platão pretendeu revolucionar o pensamento educacional de sua época vinculando o Estado à educação. Essa educação deveria ser oferecida pelo Estado e a todos, e começaria desde a infância. Buscou com isso formar o cidadão perfeito que tornaria o Estado também perfeito. De certa forma ele antecipou a igualdade de homens e mulheres, que podem exercer as mesmas funções, dependendo apenas da meritocracia.

O filósofo crê que a educação é uma atividade da alma, por isso desenvolveu suas teorias sobre a reminiscência e sobre o Bem. Ele utilizou alegorias para

transmitir suas ideias, sobretudo para disseminar o ideal do Bem, Bem esse que poderia ser a chave para resolver os problemas da pólis. Também buscou conscientizar o indivíduo por meio da justiça a procurar uma verdade que beneficiasse a todos. Portanto, a ética e a justiça caminham juntas na cidade ideal.

A partir da proposta que o governante deveria ser antes de tudo filósofo, Platão estipula uma hegemonia da filosofia. Estabelece, assim, um grande debate sobre o método educativo, que teria como finalidade a escolha do rei-filósofo/rainha-filósofa que governaria eticamente a pólis, e teria o apoio dos guerreiros que protegeriam a cidade. O filósofo também se preocupou com a formação desses guardiões, por considera-los fundamentais na formação de sua *República*. Censurou certas poesias prevendo prováveis marcas que os jovens e as crianças pudessem carregar ao escutarem histórias tristes sobre homens derrotados.

Assim como Platão, também vivemos em uma época em que o individual se tornou mais importante do que o social, e essa semelhança foi o principal motivo para a escolha deste tema. Se a educação é própria dos seres humanos, segue-se que, ao compreendermos sua essência, compreendemos também o indivíduo.

Por tudo isso, acreditamos que Platão nos deixou dois importantes legados: o primeiro foi o seu ideal de sociedade, em uma tentativa de construir um mundo mais justo e harmonioso. O segundo diz respeito à educação, que deve ser responsabilidade dos governantes e tem que ser inclusiva e igualitária, respeitando as diferenças e a natureza de cada um.

### Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ANTISERI, D; REALE, G. **História da filosofia antiga: filosofia pagã antiga**. São Paulo: Paulus, 2003.

CAPORALINI, José Beluci. **O projeto pedagógico platônico em a república**. Anais jornadas de Estudos Medievais. 2010. Disponível em <<http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2010/pdf/07.pdf>> Acesso em 29 de ago. 2019.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação** – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Moraes, 1980.

JAEGER, Werner. Paidéia: **A Formação do Homem Grego**. Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

PAVIANI, Jaime. **A idéia de bem em Platão**. Conjectura, Caxias do Sul, v. 17, n. 1, p. 68-82, jan./abr. 2012. Disponível em :<<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/1527/989>> Acesso em: 03 de ago. 2019.

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Martin Clarent LTDA, 2000.

PLATÃO. **Os Pensadores**. Trad: JOWETT, Benjamim, São Paulo, Nova Cultural, 1999.

PLATÃO. **Mênon**. Tradução de Maura Iglesias. Rio de Janeiro: Editora PUCRio; São Paulo: Edições Loyola, 2001.

REIS, Maria Dulce. **Democracia grega: a antiga Atenas (Séc. V a. c.)**. Sapere aude—Belo Horizonte, v. 9—n. 17, p. 45-66, Jan./Jun. 2018—ISSN: 2177-6342. Disponível em: <<file:///C:/Users/Cliente/Downloads/17648-Texto%20do%20artigo-64170-1-10-20180713.pdf>> Acesso em: 03 de out. 2019.

**RIBEIRO, Rosalie Helene de Souza. Platão, Al-fârâbî e Averróis: as qualidades essenciais ao governante. Trans/Form/Ação vol.34 no.1 Marília 2011. Disponível em:**<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010131732011000100002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010131732011000100002)> Acesso em 31 de ago. 2010.

SÓCRATES. **Vida e Obra**. Com. José Américo Motta Pessanha. Os Pensadores; Nova Cultural, São Paulo; 1999.

----- **Apologia de Sócrates**. Platão. Os Pensadores; Nova Cultural, São Paulo; 1999.

----- **Apologia de Sócrates**. Xenofonte. Os Pensadores; Nova Cultural, São Paulo; 1999.

TEIXEIRA, Evilázio Francisco Borges. **A educação do homem segundo Platão**. São Paulo: Paulus, 1999.

VEGETTI, Mario. Um paradigma no céu: **Platão político, de Aristóteles ao séc. XX**. São Paulo: Anna Blume Clássica, 2012.

VICENTE, José João Neves Barbosa. **Justiça e Educação na República de Platão**. SABERES, Natal, v. 1, n.9, mai. 2014, 82-92. Disponível em: <<file:///C:/Users/Cliente/Downloads/4962-Texto%20do%20artigo-13359-1-10-20140529.pdf>> Acesso em: 01 de ago. 2019.

VICENTINO, Cláudio; VICENTINO, Bruno. **Olhares da História Brasil e Mundo**. Volume I, São Paulo: Editora scipione, 2016.